

**SOCIOLINGUÍSTICA, GÊNERO E REDES SOCIAIS DIGITAIS:
DISCURSO NO *INSTAGRAM* E *FACEBOOK***

Filipe Gabrig Bitencourt (UENF)

filipegabrig568@gmail.com

Flávia Affonso Dutra (UENF)

flaviaaffonsodutra@outlook.com

Maria Eduarda Costa Maciel Nogueira (UENF)

eduarda_maciel17@hotmail.com

RESUMO

Compreendendo a intrínseca relação entre língua, sociedade e comportamento, bem como vínculo entre língua, comportamento e manifestações linguísticas na contemporaneidade, esse trabalho busca analisar a variante gênero como elemento determinante nas construções linguísticas e na consolidação do discurso feminino e masculino. Levando em consideração a extrema importância dos meios virtuais para comunicação na atualidade, foram analisados os ambientes das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, dentro das temáticas humor, atualidades e relacionamentos/sexo. Dessa forma, utilizou-se como aporte teórico a teoria variacionista de William Labov, fundamentalmente a variação de gênero. Dessa forma, mediante um estudo qualitativo, procurou-se demonstrar a relação entre língua e sociedade observando, assim, a influência sociocultural no contexto comunicativo e suas particularidades no ambiente virtual.

Palavras-chave:

Facebook. Instagram. Variação linguística.

ABSTRACT

Understanding the intrinsic relationship between language, society and behavior, as well as the link between language, behavior and linguistic manifestations in contemporary times, this work seeks to analyze the gender variant as a determining element in linguistic constructions and in the consolidation of feminine and masculine discourse. Taking into account the extreme importance of virtual media for communication today, the environments of the social networks *Facebook* and *Instagram* were analyzed, within the themes of humor, current affairs and relationships/sex. Thus, the variationist theory of William Labov was used as a theoretical contribution, fundamentally gender variation. Thus, through a qualitative study, we sought to demonstrate the relationship between language and society, thus observing the sociocultural influence in the communicative context and its particularities in the virtual environment.

Keywords:

Facebook. Instagram. Linguistic variation.

1. Introdução

Levando em consideração a relação existente entre língua, sociedade e comportamento, este trabalho pretende observar e compreender a variação linguística de gênero manifestada no contexto virtual analisando, assim, as possíveis modulações, monitoramento e imposições no comportamento linguístico feminino e masculino ligadas às convenções sociais.

O estudo faz-se necessário para compreender os aspectos que integram a linguagem humana, as relações existentes entre falantes e a influência sociocultural que norteia as situações comunicativas, bem como a distinção entre um discurso do gênero masculino em relação ao gênero feminino. Dessa forma, pretende-se analisar a variante gênero como fator determinante nas manifestações linguísticas e, assim, investigar quais elementos linguísticos e extralinguísticos aproximam ou afastam a variável gênero, no contexto comunicativo das redes sociais, com o propósito de compreender a relação entre gênero, sociedade, comportamento e manifestação linguística.

Discute-se, também, a respeito da dissemelhança sociocultural dos gêneros, apresentando, assim, um panorama do feminino e masculino. Desta forma, é possível explorar as diferenças presentes entre os gêneros, desde os primórdios, por meio de uma perspectiva histórica que aborda as influências que os papéis sociais exercem na vida do indivíduo, em especial, na linguagem e comportamento. Para isso, essa pesquisa conta com o aporte bibliográfico dos estudos sociolinguísticos variacionistas de William Labov, os quais enxergam a língua como heterogênea.

2. Variação linguística: a teoria da língua viva

A teoria da variação teve início na década de 1960 nos estados Unidos e foi liderada pelo linguista William Labov. “A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia” (MARTELOTTA, 2009, p. 142). Ou seja, busca compreender como uma variante se insere na língua e como se dissipa. O foco principal dos estudos é correlacionar a língua à sociedade em seus usos reais e explorar as influências que podem ser constatadas a partir da singularidade de cada falante em prol da comunicação.

Discutida por muitos teóricos renomados, a variação linguística é um fenômeno cultural motivado por fatores linguísticos (também conhecidos como fatores estruturais) e por fatores extralinguísticos de vários tipos (Cf. MARTELOTTA, 2009). Nesse sentido, a sociolinguística entende que a variação e as mudanças ocorridas na língua devem ser analisadas cautelosamente, uma vez que caracteriza a condição heterogênea da língua e suscita sua natureza inteiramente social.

O linguista Ronald Beline afirma que a língua é um produto social e cultural, e como tal deve ser entendida. Para os sociolinguistas, a língua é uma instituição social e, por isso, não pode ser estudada de maneira autônoma. De acordo com Castilho (2000):

A língua como atividade social corresponde a um conjunto de usos concretos, historicamente situados, que envolvem sempre um locutor e um interlocutor, localizados num espaço particular, interagindo a propósito de um tópico conversacional previamente negociado. [...] é um fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis socialmente motivadas. (CASTILHO, 2000, p. 12)

Dessa forma, a variação ilustra o caráter adaptativo da língua como código de comunicação e, portanto, a variação não é assistemática (Cf. MARTELOTTA, 2009). O principal objetivo dos estudos variacionistas, então, é analisar de que maneira os fatores linguísticos e extralinguísticos estão relacionados ao uso de variantes nos mais diversos níveis da comunicação, além de compreender o processo de organização deste fenômeno.

3. A disparidade sociocultural dos gêneros: um panorama do feminino e masculino

Entende-se a partir da noção de gênero a integração de fatores biológicos, sociais e culturais que inferem a maneira como homens e mulheres pensam, agem, são vistos e ouvidos dentro das relações interpessoais. Nesse sentido, a concepção de gênero engloba as relações sociais que estruturam, instituem e organizam a sociedade e a forma como homens e as mulheres se relacionam entre si, se inserem na sociedade e executam suas atividades (Cf. ARRAZOLA, 1997 *apud* Serpa Monise, 2010).

Portanto, pensar em gênero é compreender a complexidade por trás dos padrões que são impostos e reproduzidos intimamente aos papéis e funções sociais designados às figuras femininas e masculinas. É necessário pensar em contexto sócio-histórico e nas múltiplas diferenças que podem

ser ocasionadas ou delimitadas a partir dessa construção dentro de uma sociedade.

Estando intrinsecamente ligada aos paradigmas, a ideia de papéis e funções sociais são, desde muito cedo, instauradas aos homens e mulheres. As diferenças propostas aos gêneros são passadas de geração em geração, sendo evidenciadas através de mecanismos ordinários como, por exemplo, brinquedos, cores, acessórios; ou através de processos mais complexos, como padrões estipulados e voltados ao comportamento social, como posturas ao sentar, maneiras de expressar-se verbalmente, uso de determinados vocabulários, formas de se relacionar com pessoas ao redor e com o mundo, dentre outros.

Partindo de uma análise cronológica, pode-se perceber claramente essa disparidade entre o que é feminino ou masculino. Nas sociedades patriarcais, embasadas em culturas primitivas e opressoras, existe uma lógica de dominação e submissão extremamente presente no sexo feminino em detrimento do sexo masculino. As mulheres exerciam papéis sociais voltados apenas para os cuidados com o lar e para com a família; eram reconhecidas socialmente apenas se estivessem atreladas a algum homem, cujo principal papel era servi-lo. Por estar em posição de superioridade, os homens eram, então, considerados os “donos” das mulheres e possuíam todos os recursos que os mantivessem nesta posição. O homem era responsável pela parte financeira, ou seja, o sustento da família e por isso permanecia sendo o líder do lar, como elucida Dantas & Giffin (2005 *apud* SERPA MONISE, 2010):

Cabia ao homem a responsabilidade de sustentar a família, detendo, assim, o poder econômico familiar, e a mulher, por não trabalhar, dependia economicamente do homem, justificando, assim, muitas vezes, a sua subjugação. (DANTAS-BERGER; GIFFIN, 2005 *apud* SERPA MONISE, 2010)

Subjugada aos padrões que representavam inferioridade, humilhação, repressão, serventia e primitividade, o sexo feminino foi construindo, ao longo do tempo, comportamentos que ratificavam essa posição dentro da sociedade; mulheres não eram ensinadas a pensar, questionar, desobedecer, por isso, nutriam esse estereótipo comportamental que as limitavam e as deixavam reféns do sexo masculino.

Com o advento das lutas e conquistas feministas, na transição do século XIX para o século XX, as mulheres conseguiram avanços referentes à igualdade de gênero, entretanto, não suficientemente para serem completamente livres em suas escolhas, comportamentos, pensamentos e ações.

De acordo com Madeira (1997, p. 45 *apud* SERPA MONISE, 2010), há a crença de que “a mulher deve ser controlada, destinada ao doméstico, um ser de direitos relativizados”, fato que as mantém aprisionadas aos protótipos das sociedades patriarcais e provoca uma espécie de cadeia sociocultural e comportamental responsável por promover desigualdades até os dias atuais.

Desse modo, compreender os aspectos referentes à construção social dos gêneros é de suma importância, uma vez que fatores sociais, culturais, religiosos, políticos implicam diretamente na condição do que é feminino e masculino. Tratando especificamente do sexo feminino, podemos pensar os comportamentos e condições contemporâneas como um reflexo de toda trajetória de submissão e invalidação vivenciada por mulheres no passado. No que tange ao sexo masculino, por sua vez, há também o reflexo nutrido pelo patriarcado, no entanto, o homem não é subjugado e oprimido, pelo contrário, encontra-se, até hoje no seio da sociedade contemporânea, em posição de supremacia e desfruta de privilégios concebidos por esta posição.

4. Metodologia

Trata-se de um estudo qualitativo, visto que as amostras coletadas se compõem do mesmo. Sendo assim, para elaborar essa análise, utilizamos o corpus constituído através de comentários retirados de *posts* da rede social *Facebook* e *Instagram*. Foram analisados ao todo 180 (cento e oitenta) publicações, sendo 90 (noventa) em cada rede social. As análises foram executadas com base apenas no gênero dos indivíduos, sendo assim, questões como faixa etária, nível socioeconômico e de escolaridade não foram consideradas no estudo. Além disso, não houve limitação territorial para selecionar os analisados.

A escolha das redes sociais como meio de coleta de dados se deu pelo fato de serem ambientes extremamente diversificados em vários aspectos. Trata-se da amplitude em nível geográfico, público consumidor ou alvo, bem como pelos distintos meios de acesso, como *notebooks*, *tablets* e celulares. Para uma maior diversificação nos dados coletados, a fim de tornar a pesquisa cada vez mais fidedigna, foram escolhidos perfis/páginas voltados aos seguintes assuntos: humor, atualidades e sexo/relacionamento. Elas foram selecionadas baseado no nível de engajamento dentro da rede, ou seja, pela popularidade. Para a análise, elaboramos a tabela abaixo, contendo todas as categorias investigadas nas redes selecionadas:

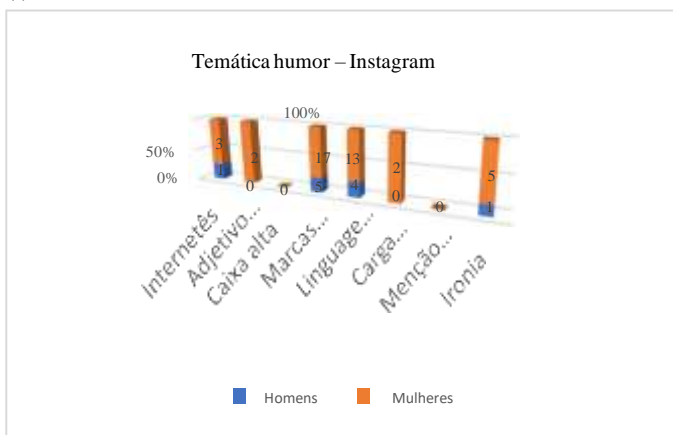
CATEGORIAS	NOMECLATURA
Intenetês	I
Adjetivos enfáticos	AE
Caixa alta	CA
Marcas de oralidade	MO
Linguagem icônica	LI
Carga emocional	CE
Menção ao sexo	MS
Figura de linguagem ironia	FLI

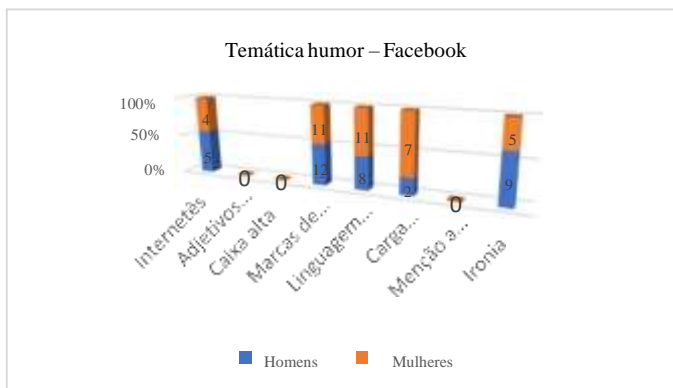
5. Contextualização dos posts selecionados

Foram escolhidas duas postagens de cada página e, em busca de um meio de coleta que fosse imparcial e que se aproximasse ao máximo das situações reais de uso, foram coletados e analisados os primeiros 30 (trinta) comentários de cada postagem, visto que o algoritmo das redes dá maior visibilidade aos comentários com maior engajamento (seja de curtidas, reações ou respostas a esses comentários), assim, foram descartados os comentários que faziam uso somente de linguagem icônica. Os *posts*, voltados a temática da página, também foram priorizados pelo engajamento.

Descrição e análise das ocorrências

(i) Temática humor





Assim como William Labov pontua em sua teoria, a língua varia, no ambiente virtual das redes sociais a ocorrência desse fenômeno também é bastante comum. Apesar de ser um espaço que possui alguns padrões de comunicação, a interação no meio digital também apresenta suas variações, principalmente no que tange à variação linguística de gênero.

Como pôde ser observado nos gráficos anteriores, a linguagem feminina e masculina difere-se em diversos aspectos, principalmente quando submetida à diferentes contextos de fala, embora possam apresentar semelhanças, visto que se trata de uma mesma língua falada por ambos os gêneros. Desta forma, no que tange às similitudes na linguagem escrita, o uso de MO mostrou-se uma variação bastante comum em ambas as redes analisadas, evidenciando, assim, que no ambiente virtual quase não há a preocupação, por parte dos usuários, com formas de prestígio que correspondam à norma padrão escrita. Acredita-se que o fator determinante para essa ocorrência seja devido ao ambiente virtual ser um local demasiadamente informal, assim, os usuários sentem-se mais à vontade para expressar-se de maneira mais coloquial e, por consequência, o uso de LI nessas redes é algo considerável. Cada vez mais as pessoas vêm se utilizando de *emojis*, GIFs e “figurinhas” a fim de potencializar a comunicação, deixando por diversas vezes de escrever determinadas palavras para enfim substituí-las por algum *emoji* que a represente sem que o sentido da mensagem se perca.

Apesar de a incidência desse tipo de linguagem estar presente na comunicação escrita de ambos os gêneros, houve uma maior ocorrência de uso por parte do público feminino, evidenciando, assim, um maior apelo pela utilização de linguagens que transmitam maior carga emocional à escrita. É possível estabelecer relação entre este comportamento linguístico

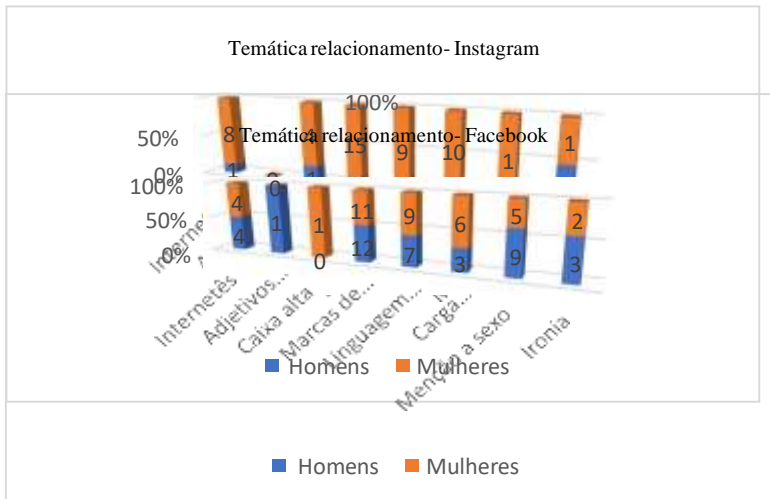
e a construção social do mito de que a mulher seria o sexo frágil sendo vista como mais emotiva, assim como afirma o estudo do linguista John McWhorter (2016), “a mulher tende a usar uma linguagem mais expressiva e aberta, mas alguns hábitos femininos de linguagem conseguem conquistar o público masculino”. Assim, o público masculino opta por utilizar de forma moderada esse tipo de linguagem devido à sua semelhança com os adesivos quem enfeitavam os cadernos das meninas.

Ainda falando de linguagens oriundas do meio digital, o uso do I mostrou-se caindo em desuso por ambos os gêneros, principalmente no *Instagram* que possui um número maior de interações advindas por parte do público feminino. No *Facebook*, ambiente onde o público é mais diversificado, apesar das poucas ocorrências, essa categoria é mais utilizada pelo gênero masculino, uma vez que, para ilustrar risadas, os mesmos optam por esse tipo de linguagem deixando a LI mais de lado.

No que se refere à FLI, seu uso maior aparece no *Facebook*, por parte do público masculino. Desta maneira, este mecanismo é utilizado a fim de potencializar o efeito de piada, uma vez que os comentários em questão foram retirados de uma publicação de cunho humorístico. Assim, esse tipo de recurso está relacionado ao humor ácido que é mais comumente encontrado entre os pertencentes ao gênero masculino. Esta disparidade pode estar relacionada ao estigma de que a “mulher não sabe fazer humor” e, no geral, não é tão bem-vindo, pelo menos, não na visão masculina o que acaba por refletir o comportamento feminino nas interações sociais e, neste caso, nos meios virtuais.

Com isso, entende-se que a linguagem além de variar de acordo com o gênero do falante, também varia de acordo com o meio de interação ao qual o falante está inserido. Assim, foi possível observar que determinadas temáticas e ambientes de interação (como neste caso o *Instagram*) tendem a atrair de maneira mais significativa o interesse do público feminino. Ademais, é possível observar que as mulheres possuem maior apelo à utilização de recursos expressivos com maior apelo emocional, enquanto o público masculino opta por uma linguagem que se distancie mais da linguagem tida como feminina.

(ii) Temática relacionamento



Assim como já visto nos gráficos acima, dentro da temática relacionamento foram encontradas algumas disparidades e correspondências em relação ao comportamento linguístico feminino e masculino nas redes analisadas. Nesse sentido, nota-se que o público feminino é o maior engajador em assuntos que são intimamente relacionados ao âmbito emocional, como manifestar-se em relação a algum trauma ou a respeito de situações que geraram constrangimentos. Não obstante, evidenciou-se que o público masculino se manifesta com mais frequência quando os temas são associados ao cunho sexual, evidenciando, assim, a validação e encorajamento do masculino para tratar de assuntos que são considerados polêmicos, proibidos ou inapropriados em um meio de comunicação ordinário. Nesse contexto, o gênero feminino mostrou que o uso de LI está, muitas vezes, associado à carga emocional expressada na comunicação, enquanto os homens utilizam essa modalidade com menos frequência e até mesmo com outras intenções comunicativas, como no intuito de intensificar a ideia de risos ou de zombar das situações expostas.

À vista disso, pode-se entender a relação entre linguagem e a ideia de papéis e funções sociais que caracterizam o processo pedagógico

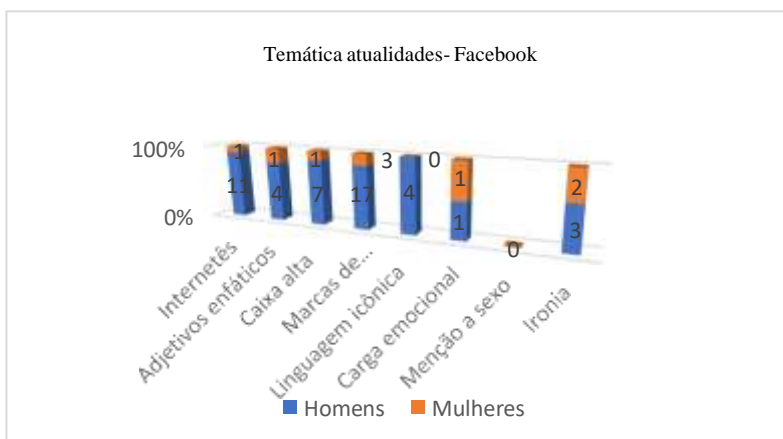
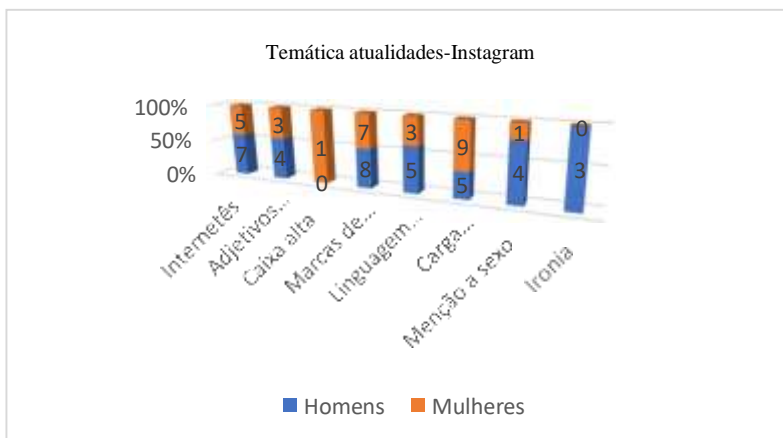
existente nas relações de gênero e na construção social, como afirma Cabral (1998), dado o fato que é através desse processo que acontece a aniquilação ou conservação de determinado padrão.

No que tange à categoria MO, ficou evidente o alto índice de uso por parte de ambos os gêneros, no entanto, os resultados mostram que, ao contrário do que Martelotta (2009) afirma a respeito da tendência das mulheres de utilizarem estruturas equivalentes com as normas, este público não está aderindo as formas de prestígio com tanto vigor nas redes. Os homens, nesse contexto, utilizam o padrão linguístico que já é esperado e caricaturado pelo público masculino, ou seja, por serem menos cobrados em diversas áreas, inclusive a linguística, eles possuem maior liberdade em se manifestarem de forma despreziosa, uma vez que o ambiente virtual é apenas mais um no qual homens podem reafirmar sua postura social.

Outra ocorrência com índices significativos na temática relacionamento, foi na categoria I, cujos resultados mostram o uso equilibrado entre homens e mulheres, fato este que corrobora com a noção de que as mulheres não estão apreensivas em relação ao uso de formas normativas e de prestígio, porém estão utilizando formas modernas e transformadoras. Para os homens, nesse sentido, não há uma exigência em relação ao uso de variantes de prestígio, por isso, utilizar dialetos próprios da internet significa que não existe sequer a preocupação em relação a esses usos, a manifestação linguística é inteiramente espontânea.

Deste modo, conclui-se que as categorias supramencionadas foram extremamente significantes para a análise do comportamento linguístico de homens e mulheres na temática relacionamento dentro das redes analisadas. Em contrapartida, infere-se que categorias como AE, CA, e FLI, por terem índices baixos ou nulos de uso, não são configuradas como aportes para o desenvolvimento e resultados da pesquisa.

(iii) Temática atualidades



A partir do que foi analisado, notou-se que em um dos posts analisados, dentro especificamente da temática atualidades na rede social *Instagram*, houve uma predominância de comentários masculinos no quesito MS, dentre os comentários da publicação supramencionada, a maioria ridicularizando a figura feminina da postagem, dizendo o que ela deve fazer e quando deve fazer, fato este que corrobora com o que menciona e Aristóteles (384–322 a.C. *apud* VIEIRA, 2010; VIEZZER, 1989, p. 97), no pensamento e construção social que atribui ao homem o domínio sobre a mulher, ou seja, sustentando o senso comum da figura feminina como elemento estereotipado e submisso na sociedade. Além disso, fica evidente

que o ambiente virtual também propaga a ideia da extrema liberdade por parte dos usuários, especialmente os homens, para determinarem o comportamento feminino e censurar aqueles que vão de encontro ao que é considerado adequado ou permitido para com a figura feminina.

Foi possível observar também, que o público masculino utiliza as ocorrências da linguagem icônica (LI) ao se referir a mulher em questão, usando símbolos em palavras que possuem teor pejorativo e/ou para hipersexualizar a cantora em destaque, e essa maneira de expressar vai de acordo com o que afirma Coulthard (1991 *apud* SOARES; BEZERRA (2010), sobre o fato desse linguajar ser reflexo da sociedade em que vivemos, na medida em que isso só vai mudar quando houver menos discrepância relacionadas aos gêneros.

Compreende-se, também, que na tentativa de abstrair a formacorreta/usual da palavra, é perceptível que são utilizados símbolos entre as palavras. Isso ocorre devido a rede social *Instagram*, que bloqueia o usuário caso o comentário seja impróprio. Nesse sentido, para que possam manifestar aquilo que realmente desejam, os usuários optam por burlar o algoritmo da rede utilizando os símbolos, fato este que não traz nenhum prejuízo no entendimento da mensagem passada.

Em relação as marcas de oralidade (MO) é notável que houve várias ocorrências tanto no gênero masculino quanto no feminino, em que muitos indivíduos transcrevem na escrita o modo como falam. Uma outra característica significativa e que ficou explícita foi o uso da Internetês (I), logo, levando a consideração o total de comentários do gênero masculino, notouse que eles têm a tendência de tentar acelerar o seu processo de comunicação abreviando palavras e sentidos nas frases expostas, tentando desviar o assunto principal para um teor insultuoso.

Outra marca evidente foi a de Carga emocional (CE) pelo público feminino, uma vez que fica claro a relação que as mulheres estabelecem entre aquilo que estão sentindo e como se manifestam linguisticamente a respeito de determinado assunto. Foi possível observar, através da análise, que as mulheres tendem a reforçar o comportamento de autocobrança e autocrítica que são incentivados desde muito cedo pela sociedade. A carga emocional atribuídas aos comentários se deve ao fato de se sentirem inferiores ou incapazes de inserir a atividade física no cotidiano dadas todas as outras tarefas que normalmente já são direcionadas ao público feminino.

É perceptível, também, a utilização de Adjetivos Enfáticos (AE) em marcas linguísticas femininas, e, ao usarem superlativos, de certa forma,

deixam a entender uma expressão, e/ou ênfase positiva ao enaltecer uma mulher. No que tange às categorias CA e FLI, verificou-se que não tiveram ocorrências significativas para a análise.

6. Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar o comportamento linguístico de homens e mulheres nas redes sociais *Instagram* e *Facebook* diante de diferentes temáticas, a saber: atualidades, humor e sexo/relacionamento. Nesse sentido, no decorrer da investigação, foi constatado a intrínseca relação entre língua e sociedade, uma vez que os falantes de uma língua se manifestam através de determinados códigos para atingirem seus objetivos comunicativos e que esses códigos são construídos a partir das influências sociais e culturais. Assim, corroborando com a Teoria Variacionista e com seu idealizador William Labov, ficou evidente que há variações na língua por diversos fatores, um deles é o gênero, o qual foi investigado e analisado neste trabalho. Nesse sentido, tratando da variação linguística entre os gêneros feminino e masculino, notou-se grandes disparidades e certas similaridades na forma de comunicação. Por isso, mesmo que existam fatores que permitam que a língua varie, há, também, fatores externos que caracterizam a heterogeneidade linguística. Assim como algumas teorias adotadas apontam, o processo da variação é natural e decorre de outros coeficientes que estão vinculados à sociedade e aos usos em situações espontâneas de comunicação.

À vista disso, pensando na variável gênero como valiosa fonte de pesquisa para o campo dos estudos linguísticos, foi possível estabelecer o elo entre a forma como o sujeito se comunica e as construções sociais e culturais que são atribuídas aos falantes do gênero feminino e masculino.

Em outras palavras, homens e mulheres se comunicam de maneiras distintas devido aos fatores socioculturais que os permeiam. Trata-se de encarar o gênero como elemento determinante para as possíveis modulações entre o sistema de linguagem de uma mulher e o de um homem.

Em conformidade com Yonne e Dinah Callau (2002), por exemplo, ficou claro que a identidade homem/mulher se relaciona com outras identidades, fato que contribui para a noção de que indivíduos de gêneros distintos se comunicam de maneiras diferentes por terem sido ensinados ou incentivados a isso durante suas vivências. Ainda nesse contexto, faz-se

necessário, também, relacionar a maneira de comunicar aos papéis e funções sociais desempenhados por homens e mulheres.

No que tange ao resultado da pesquisa frente aos pressupostos teóricos adotados e diante dos resultados obtidos, evidenciou-se a inerente relação entre temática e gênero. Foi constatado que houve um maior envolvimento de mulheres nas temáticas relacionamento/sexo e humor, enquanto apenas na temática atualidades houve mais engajamento por parte dos homens. Assim, é importante salientar que tratando do assunto relacionamento/sexo, as mulheres se aproximaram das publicações cujo contexto é voltado para as vivências de relacionamentos abusivos e para os constrangimentos vividos ao lado de seus parceiros. Por outro lado, os homens comentaram mais a respeito das publicações voltadas para o cunhosexual, ou seja, os assuntos de interesse masculino reforçam a ideia de que homens são ensinados a falar sobre sexo, e que podem comunicar da maneira que preferirem, visto que não há um monitoramento crítico da linguagem masculina. Em contrapartida, o comportamento linguísticofeminino reforça a ideia de que mulheres são condicionadas à posição de seres sensíveis e que elas tendem a falar mais abertamente sobre situações que “demonstram” vulnerabilidade ou humilhação.

Em relação à temática humor, as ocorrências foram um pouco mais equilibradas e não muito distintas, uma vez que as mulheres permaneceram fazendo uso de carga emocional, não se preocuparam em utilizar formas de prestígio de acordo com a norma culta e inseriram bastantes traços da oralidade. Além disso, o público feminino também utilizou com predominância a linguagem icônica, de modo que evidencia a tendência feminina a incluir as formas transformadoras e contemporâneas do meio virtual nos seus sistemas linguísticos. Os homens, por sua vez, optam por aplicar elementos oriundos do meio virtual, como é o caso das letras que significam risadas e de outras abreviações, tornando, assim, a linguagem icônica menos usada. No que tange ao uso da figura de linguagem ironia, percebe-se que o público masculino utiliza com mais frequência, dado o fato que é mais comum entre os homens as formas agressivas e/ou ácidas de fazer humor. Nesse contexto, infere-se que o masculino, nessa temática, está associado ao que é espontâneo e divertido, enquanto o feminino é ligado aos protótipos comportamentais daquilo que é mais suave e, conseqüentemente, menos enfático.

No que concerne à temática atualidades, foi constatado que o público masculino foi predominante na postagem a respeito de uma mulher importante no cenário nacional e que os comentários, em sua maioria,

foram estereotipando e hipersexualizando o corpo feminino através das categorias analisadas, como no uso de linguagem icônica e menção ao sexo. Referente ao gênero feminino, foi evidenciado, novamente, a aproximação das mulheres com temáticas que são voltadas para o cunho emocional. Quanto às categorias mais emblemáticas analisadas nessa temática, observou-se que o uso de caixa alta, por parte do gênero masculino, foi na tentativa de dar ênfase a dialetos próprios da *internet*, configurando o uso de internetês. As marcas de oralidade foram identificadas em ambos os gêneros, mas com predominância no dialeto masculino, ou seja, ambos utilizam formas transformadoras do meio cibernético e, por fim, o uso de símbolos em troca de palavras para acelerar e intensificar a comunicação, bem como para intrujar o algoritmo da rede.

Portanto, o trabalho em questão pautou-se na Teoria Variacionista para análise de corpus das redes supracitadas. Nesse sentido, acreditando que o gênero não é só um fator biológico, mas também uma construção sociocultural, ficou claro que os sistemas linguísticos variam e que grande parte dessa variação se dá pelas funções sociais desempenhadas pelos indivíduos em esferas simples, como é o caso da escolha de cores ou tipos de brinquedos, como também em aspectos mais complexos, como padrões comportamentais, modo de pensar, agir e falar.

Diante disso, constatou-se que homens e mulheres utilizam as redes sociais de forma equilibrada, mas que se manifestam de acordo com o assunto de interesse e com aqueles que, por algum motivo, são mais próximos das suas realidades e convicções. No *corpus* analisado, apesar das dissemelhanças, percebe-se que ambos fazem determinados códigos linguísticos similares, mas que a intenção comunicativa é distinta. Em suma, pode-se dizer que por terem objetivos comunicativos diferentes, mesmo que façam uso das mesmas formas, o sistema linguístico de homens e mulheres são díspares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, F.; DÍAZ, M. Relações de gênero. In: Secretaria Municipal de educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Rona Ltda, 1998. p. 142-50

CASTILHO, A. T. *A língua falada e o ensino de língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2000.

COULTHARD, Malcolm. *Linguagem e sexo*. São Paulo: Ática, 1991, p. 33

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. (Série Descobrimos o Brasil)

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Manual da linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SERPA, Monise Gomes. Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas. *Psicologia & Sociedade*, v. 22, p. 14-22, 2010.

SOARES, A. P. O.; BEZERRA DE SA PEIXOTO, T. S. Variação linguística em textos de homens e mulheres em fóruns de comunidades do Orkut. In: 3rd Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação: Redes Sociais e Aprendizagem. 2010.

VIEIRA, S. M. *Os gêneros e os fenômenos de variação na fala*. Fazendo Gênero 9 Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. 2010.

VIEZZER, Moema. *O problema não está na mulher*. São Paulo, Cortez, 1989.

Outra fonte:

ARE EMOJI A LANGUAGE?: Gretchen McCulloch talks to John McWhorter about the big meaning behind our favorite little pictograms. [Locução de]: John H. McWhorter. [S.I.]: Lexicon Valley, 26 jul. 2016. *Podcast* disponível em: <https://slate.com/human-interest/2016/07/are-emojis-a-language.html>. Acesso em: 12 jul. 2022.